

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA  
PORTUGUESA

## **FONOLOGIA DA LÍNGUA TERENA**

Cosme Romero Martins

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de línguas Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

São Paulo

2009

*na tv evaham jatu nasam / na tvam neme janadhipah  
na caiva na bhavisyamah / sarve vayam atah param  
Bhagavad-Gita 2:12*

Nunca houve um tempo em que eu não existi, nem  
você, nem todos estes reis, nem no futuro nem um  
de nós deixará de existir.

Em memória à minha querida mãe.

## AGRADECIMENTOS

Ao povo *Terena* da aldeia de Cachoeirinha/MS pela acolhida hospitalidade e colaboração com essa pesquisa. Ao índio *Terena* Prof. Márcio Pedro (estudante de Educação Indígena/USP).

Ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto pelo apoio e orientação deste trabalho.

À Profa Dra. Rosane de Sá Amádo, ao Prof. Dr. Mário E. Viaro, ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto, à Prof.a Dra Luciana R. Storto, ao Prof. Dr. Didier Demolin, Prof. Dr. W. Leo Wetzels, à Profa. Raquel S. Santos, à Profa Dra Filomena Spatti Sândalo pelos conhecimentos transmitidos, durante minha jornada acadêmica pela USP e UNICAMP.

Ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV/USP).

A toda a minha família, ao meu pai Isaias Martins Rosa, às minhas irmãs Clélia e Cleide e aos meus irmãos Gilson, Clever e Damião.

# SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

ABREVIACÕES

## CAPÍTULO 1 A LÍNGUA *TERENA* E A FAMÍLIA *ARUÁK*

- 1.1 Classificação das Línguas *Aruák* no Brasil..... 9
- 1.2 Análise comparativa de palavras..... 10

## CAPÍTULO 2. O SISTEMA FONOLÓGICO SEGEMENTAL DA LÍNGUA *TERENA*

2. INVENTÁRIO FONÉTICO..... 13
- 2.1 Inventário dos fones consonantais..... 14
- 2.2. Inventário dos fones vocálicos..... 20
- 2.3 INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA..... 27
- 2.3.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS..... 27
- 2.3.1.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo..... 27
- 2.3.1.2 Distribuição complementar..... 30
- 2.3.1.3 Variação livre ..... 32
- 2.3.1.3.1 O vozeamento pós-nasal ..... 34
- 2.3.1.3.2 Contornos nasais ..... 34
- 2.3.1.4 Quadro dos fonemas consonantais..... 36
- 2.3.2 SEGMENTOS VOCÁLICOS..... 36
- 2.3.2.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo..... 36
- 2.3.2.2 Distribuição complementar..... 38
- 2.3.2.3 Variação livre..... 39

2.3.2.4 A vogal central [Ö].....	40
2.3.2.5 Alongamento vocálico.....	41
2.3.2.6 <i>Plot</i> dos fonemas vocálicos.....	41
<b>CAPÍTULO 3. A SÍLABA EM <i>TERENA</i></b>	
3.1 Padrões silábicos.....	44
3.2 A oclusiva glotal [ʔ] em final de palavra.....	49
3.3 Ressilabificação.....	50
3.3.1 Ditongação.....	50
3.3.2 Degeminação.....	51
<b>CAPÍTULO 4. O ACENTO EM <i>TERENA</i></b>	
4.1 Uma teoria métrica paramétrica.....	52
4.2 O acento em <i>Terena</i> .....	53
4.3 O acento nos substantivos.....	54
4.3.1 Classe de substantivos possuídos inalienavelmente.....	55
4.3.2 Classe de substantivos possuídos alienavelmente.....	57
4.3.2.1 Formação das formas regulares.....	57
4.3.2.2 Formação das formas irregulares.....	57
4.4 Classe de substantivos não-possuídos.....	58
4.5 Língua tonal ou entoacional?.....	58
4.5.1 Correlatos acústicos do acento.....	60
4.6 O acento nos verbos.....	62
4.6.1 Verbos da classe [-So].....	62
4.6.2 Verbos da classe [-a].....	62

4.6.2.1	Formação do Negativo dos verbos da classe [-a].....	62
4.6.3	Usos do acento da 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> posição para os verbos das classes [-So] e [-a].....	63
4.6.4	Padrões acentuais para os verbos da classe [-So].....	63
4.6.5	Regra de construção da grade métrica do acento primário (substantivos e verbos).....	64
4.6.6	O acento em final de palavra.....	66
4.6.6.1	Substantivos.....	66
4.6.6.2	Verbos.....	66
4.6.7	Elisão acentual no nível frasal.....	68
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
ANEXO I	Palavras de Empréstimo do Português em <i>Terena</i> .....	73
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

## RESUMO

O presente estudo tem como objeto de análise uma descrição preliminar do sistema fonológico da língua *Terena*, língua indígena falada na aldeia de Cachoeirinha na região do Mato Grosso do Sul, pertencente à família *Aruák*.

Nosso objetivo foi o de analisar e descrever as unidades distintivas, a estrutura silábica e o padrão acentual que ocorrem nesta língua.

No nível segmental foi estabelecido um quadro fonético-articulatório do qual se pôde determinar as unidades distintivas da língua.

No nível silábico foram identificados os padrões silábicos – (C) V (V).

Em relação ao nível acentual, a língua apresenta um sistema de pés binários com cabeça à esquerda e insensível ao peso silábico (troqueu silábico).

Para a análise dos dados foi utilizado o modelo fonêmico estruturalista proposto por Pike (1947) bem como dos modelos fonológicos não-lineares – autosegmental, prosódico e métrico.

O trabalho é composto de quatro partes. No capítulo 1 é apresentada uma classificação das línguas da família *Aruák* no Brasil. No capítulo 2 a parte segmental (unidades distintivas e alofones). No capítulo 3 a estrutura silábica e no capítulo 4 o padrão acentual. Por fim, apresentamos um estudo (Anexo I) sobre palavras de empréstimo do português em *Terena*.

### Palavras-chave

Línguas indígenas – Família *Aruák* – Língua *Terena* – Fonologia

## ABSTRACT

The objective of this study is to present a preliminary analysis of *Terena's* phonological system. An indigenous language spoken in Brazil at the village of Cachoeirinha in the southwestern of Mato Grosso do Sul and classified as belonging to the *Arawakan* linguistic stock.

Our goal is to analyse and describe the phonemic inventory, the syllabic structure and the stress pattern of this language.

Linguistic phonological models such as the structuralist phonemic model proposed by Pike (1947) as well as non-linear phonological ones (autossegmental, prosodic and metrical) will be used to analyse the data.

This study is composed of four parts. Chapter one presents a classification of *Arawakan* languages in Brazil. Chapter two describes its segmental level (distinctive features and allophones). Chapter three the syllabic structure and chapter four its stress pattern. Finally, we present a study about words borrowed from Portuguese in *Terena* (Appendix I).

### Keywords

Indigenous languages – Arawakan family – Terena language - Phonology



## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

### FONOLOGIA

H\* - Tom Alto com Acento Nuclear

H% - Tom de Fronteira

H\* + L - Tom Complexo ou Contorno Entoacional

L - Tom Baixo

w - Palavra fonológica

φ - Frase fonológica

### MORFOLOGIA

(1<sup>a</sup> p.sing). primeira pessoa do singular

(Obj3<sup>a</sup>p.s). terceira pessoa do singular (objeto)

R - raiz

CT - consoante temática

SV - sufixo verbal

N - nominalizador

PNE - possuído não-especificamente

PE - possuído especificamente

RE - reflexivo

DE - demonstrativo

Asp.Pr. - aspecto progressivo

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

### CAPÍTULO 1

QUADRO 1 Análise comparativa de palavras das línguas da família <i>Aruák</i> no Brasil.....	11
---	----

### CAPÍTULO 2

QUADRO 1 Tabela dos fones consonantais .....	14
--	----

QUADRO 2 Tabela dos fones vocálicos.....	21
--	----

FIGURA (1) Forma de onda e espectrograma da palavra [pĩĩ'h•].....	35
---	----

FIGURA (2) Forma de onda e espectrograma da palavra [Ébiĩ h•].....	35
--	----

QUADRO 3 Tabela dos fonemas consonantais.....	36
---	----

FIGURA (3) <i>Plot</i> dos sons vocálicos juntamente com a vogal central [Ö] .....	41
--	----

FIGURA (4) <i>Plot</i> dos fonemas vocálicos.....	42
---	----

QUADRO 4 Ponto de articulação e grau de abertura vocálica.....	43
--	----

### CAPÍTULO 3

QUADRO 1 Tabela de padrões silábicos.....	46
---	----

FIGURA (1) Forma de onda e espectrograma da palavra [ka.li.v•.n•@].....	50
---	----

### CAPÍTULO 4

QUADRO 1 O acento nos substantivos.....	54
---	----

FIGURA (1) Forma de onda, espectrograma e F0 da palavra [í.tiĩ].....	59
--	----

FIGURA (2) Forma de onda, espectrograma e F0 da palavra [iĩ'ti] .....	60
---	----

FIGURA (3) Forma de onda, espectrograma e F0 das palavras [siĩĩm•] - [si.əni•] - [sim•iĩ]	
---	--

.....	67
-------	----

FIGURA (4) Forma de onda, espectrograma e F0 da frase [ni.k•ĩ ti] .....	68
---	----

FIGURA (5) Forma de onda, espectrograma e F0 da frase [ni.k•.ti la.paŋ pE] ..... 69

FIGURA (6) Forma de onda, espectrograma e F0 da frase [tuŋ ti] ..... 70

FIGURA (7) Forma de onda, espectrograma e F0 da frase [tu ti maŋ Ri.a] ..... 71

## 1. JUSTIFICATIVA

O Brasil conta com 180 línguas indígenas ainda faladas; entretanto a maioria destas línguas estão apenas iniciando suas descrições lingüísticas, como é o caso da língua *Terena*.

Esta pesquisa busca oferecer contribuições relevantes para as teorias lingüísticas bem como de tentar resgatar a cultura *Terena*: rica de uma linguagem e de uma tradição cultural única.

Embora já contássemos com alguns trabalhos realizados com essa língua por alguns pesquisadores do *SIL* (*Summer Institute of Linguistics*) tais como Bendor-Samuel (1960, 1961 e 1962) e Ekdahl & Butler (1979), no entanto, esta é a primeira tentativa em formalizar seu sistema fonológico a partir de modelos fonológicos não-lineares (autossegmental, prosódico e métrico).

## 1.2 OBJETIVOS

Nosso objetivo é o de apresentar uma análise preliminar do sistema fonológico da língua *Terena* buscando descrever os seguintes tópicos:

- a) elaborar um inventário do sistema fonético-articulatório da língua *Terena*.
- b) analisar os fonemas e alofones da língua.
- c) descrever e analisar a estrutura silábica.
- d) analisar preliminarmente o padrão acentual.

### 1.3 METODOLOGIA

Os dados estudados foram coletados em pesquisa de campo. A coleta deste material foi realizada utilizando-se de um gravador portátil digital da marca *Sony*, modelo US-395. Em seguida, as gravações foram transferidas para um computador e analisadas no *software* – PRAAT versão 4.6.01 (Boersma & Weenink 2007). As palavras e frases foram então transcritas foneticamente, utilizando a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

Grande parte da população das comunidades *Terena* localizadas no estado do Mato Grosso do Sul não mantém o uso da língua tradicional, senão em algumas áreas específicas, como no caso da Aldeia Indígena Cachoeirinha no município de Miranda, com uma população de aproximadamente 19.000 índios.

Perfil dos informantes: a maioria deles, professores indígenas

Escolaridade: graduação em Educação

Idade média: 28 anos

## CAPÍTULO 1

### A LÍNGUA *TERENA* E A FAMÍLIA *ARUÁK*

#### 1.1 Classificação das Línguas da Família *Aruák* no Brasil

Do ponto de vista da classificação genética, a língua *Terena* é considerada como pertencente à família *Aruák* ou *Arawák* (Rodrigues, 1986:68).

De acordo com Aikhenvald (2001), *Aruák* é a família lingüística que tem maior número de línguas na América do Sul.

As línguas da família *Aruák* no Brasil se acham concentradas no oeste de Mato Grosso, Brasil Central (Alto *Xingu*) e nas regiões do Amazonas.

Segundo Rodrigues (1986) as línguas faladas no noroeste do Brasil incluem o *Banawá* do *Içana*, o *Warekéna*, o *Tariana* e o *Baré*. Essas línguas se distribuem ao longo de todo o curso dos rios *Içana* e *Xié*, afluentes do rio Negro, no extremo norte do Estado do Amazonas.

No rio Branco, ao norte de Boa Vista, em Roraima, habitam os *Wapixána* enquanto os *Palikúr* vivem na bacia do rio *Oiapoque*, no Amapá.

Ao sul do rio Amazonas há quatro áreas de línguas da família *Aruák*. Uma está no sudoeste do Estado do Acre, e compreende as línguas *Apurinã* (ou *Ipurinã*), ao longo do rio *Purus*; *Piro*, falada pelos *Manitenéri* e pelos *Maxinéri*, no rio *Iaco*, afluente do alto *Purus*; e *Kámpa*, no alto rio *Juruá*.

Outra área ao sul do Amazonas fica no oeste do Estado de Mato Grosso, na região dos formadores do rio *Juruena* (afluente do *Tapajós*), onde se falam as línguas *Paresí* (ou

*Halití* e *Salumã*. A terceira área é o alto *Xingu*, onde ainda são faladas três línguas da família *Aruák*: o *Mehináku*, o *Waurá* e o *Yawalapiti*.

A última área é a da língua mais meridional da família *Aruák*, o *Terena* (*Tereno*), que é falado na região dos rios *Aquidauana* e *Miranda*, afluentes do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul.

FAMÍLIA	LÍNGUAS	DIALETOS
(ARAWÁK, MAIPURE)	<i>Apurinaã</i> ( <i>Ipurinaã</i> ) <i>Banawa do Içana</i> <i>Baré</i> <i>Kampa</i> ( <i>Axininka</i> ) <i>Mandawáka</i> <i>Palikúr</i> <i>Paresí</i> ( <i>Arití, Halití</i> ) <i>Piro</i>	<i>Manitenéri</i> <i>Maxinéri</i> <i>Yurupari Tapúya</i> ( <i>lyemi</i> )
	<i>Salumaã</i> ( <i>Enawene-Nawe</i> ) <i>Tariana</i> <i>Terena</i> ( <i>tereno</i> ) <i>Wapixana</i> <i>Warekena</i> <i>Waurá</i> <i>Yawalapití</i>	

## 1.2 Análise comparativa de palavras

Demonstramos a seguir uma análise comparativa de palavras das línguas da família *Aruák* no Brasil (Rodrigues, 1986).



### Línguas da Família *Aruák*

palavras	<i>Karútana</i>	<i>Warekéna</i>	<i>Terena</i>	<i>Baré</i>	<i>Palikúr</i>	<i>Wapixana</i>
língua	<i>inene</i>	<i>enene</i>	<i>nene</i>	<i>nene</i>	<i>nene</i>	<i>nenuba</i>
água	<i>uni</i>	<i>uni</i>	<i>une</i>	<i>uni</i>	<i>une</i>	<i>wene</i>
sol	<i>kamui</i>	<i>kamoi</i>	<i>kaʒe</i>	<i>kamuhu</i>	<i>kamoi</i>	<i>kamoo</i>
mão	<i>kapi</i>	<i>kapi</i>	<i>voʔu</i>	<i>kabi</i>	<i>iwakti</i>	<i>kae</i>
pedra	<i>hipa</i>	<i>ipa</i>	-----	<i>tiba</i>	<i>tipa</i>	<i>keba</i>
anta	<i>hema</i>	<i>ema</i>	<i>kamo</i>	<i>tema</i>	<i>aludpikli</i>	<i>kudoi</i>

Quadro (1)

A pequena amostra de palavras da família *Aruák* acima ilustra a regularidade dominante na derivação das línguas de uma família a partir de uma língua pré-histórica ou proto-língua, neste caso o *Proto-Aruák*.

## CAPÍTULO 2

### O SISTEMA FONOLÓGICO SEGEMENTAL DA LÍNGUA TERENA

Para uma análise fonêmica da língua *Terena* adotaremos o modelo proposto por Pike (1947). Um dos objetivos dessa análise é definir quais são os sons de uma língua que têm valor distintivo, ou seja, servem para distinguir palavras. Sons que estejam em oposição – por exemplo [p] e [m] – [poʃhõ] “pato” [moʃhõ] “brinquedo” - são caracterizados como unidades fonêmicas distintas e são denominados **fonemas**.

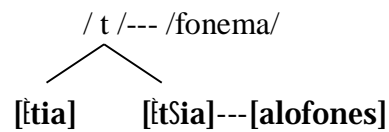
O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. As duas palavras constituem um **par mínimo**. Dizemos que o par mínimo [poʃhõ] – [moʃhõ] caracteriza os fonemas /p,m/ por **contraste em ambiente idêntico**, ou seja, quando há diferença apenas em um segmento em cada palavra do par mínimo.

Quando pares mínimos não são encontrados podemos caracterizar os dois segmentos em questão como fonemas distintos pelo **contraste em ambiente análogo**, ou seja, quando há diferença em relação a mais de um segmento. Por exemplo, no par de palavras “p•.kE@?iE/ m•@kiE.RE” além da diferença segmental de [p] e [m] temos a diferença entre [ʔ] e [R].

Se não conseguirmos caracterizar dois segmentos como fonemas distintos devemos buscar evidência para caracterizá-los como **alofones** de um mesmo fonema.

Alofones são variações de um mesmo fonema sem que haja mudança de significado. Por exemplo, em português, as consoantes /t/ e /d/ têm pronúncias alternativas como [t] ou [tʃ] e

[d] ou [dZ] respectivamente, quando seguidas da vogal /i/. Ex: tia [tʃia] ou [tʃia], dia [dʒia] ou [dʒia].



Como podemos observar acima, há dois níveis de representação dos sons – o nível fonológico (mental/abstrato) – em que o fonema é representado entre barras / / e o nível fonético (articulatório/físico) em que o alofone é representado entre colchetes [ ].

Quando diferentes sons são realizações de um único fonema, a relação entre essas variantes pode ser de mais de dois tipos diferentes.

No primeiro tipo os alofones ou variantes de um fonema são identificados por meio do método de **distribuição complementar**. Quando dois segmentos estão em distribuição complementar eles ocorrem em ambientes exclusivos. Em outras palavras, onde uma das variantes ocorre, a outra variante não ocorrerá. Por exemplo, no português brasileiro, o fonema /l/, em posição pré-vocálica (CV), realiza-se como dental ou alveolar [l]. Exemplos: lado, sala. Em posição pós-vocálica (VC), realiza-se como vocalizado [w]. Exemplos: alto, mel.

No segundo tipo os alofones não dependem do contexto e são chamados de **variantes livres**. Dois segmentos em variação livre ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado. Por exemplo, em *Terena* os sons consonantais [s] e [tʃ] são variantes livres do fonema /s/ = [tʃe.ʔé.tʃia] - [tʃe.ʔé.tʃia] “meu filho”.

## 2. INVENTÁRIO FONÉTICO

Para entendermos o funcionamento do sistema fonológico de uma língua, precisamos fazer um levantamento dos fones que nela ocorrem e depois passar a examiná-los para verificar quais são distintivos ou não nessa língua.

## 2.1 Inventário dos fones consonantais

Foram encontrados vinte e quatro sons consonantais conforme descrito abaixo.

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]		[k]	[ʔ]
Fricativa		[v]	[s]	[ʃ]		[h] [ú]
Africada				[tʃ]		
Nasal	[m]		[n]	[ɲ]		
Pré-nasalizada	[Éb]		[<d] [<z]	[ødʒ] [ÉZ]	[Ôg]	
Lateral			[l]	[ʎ]		
Tepe			[R]			
Aproximante	[w]			[j]		

Quadro (1). Tabela dos fones consonantais.

O acento circunflexo nas palavras abaixo denota alongamento vocálico e tom descendente e o acento agudo ao alongamento da consoante seguinte e tom nivelado.

[p] Segmento oclusivo bilabial desvozeado

[piíʔh•] ele foi

[i.øí•.v•] roupa dele

[paʃ h•] boca dele

[t] Segmento oclusivo alveolar desvozeado

[tuʃ ti] cabeça dele

[tuʃ Ru] touro

[i.tú.ki•] fazer

[k] Segmento oclusivo velar desvozeado

[•@ʷ•.ku] casa dele

[Si. kiʃ Si] óleo

[kiʃ lu] quilo

[?] Segmento oclusivo glotal desvozeado

[la.ká.ʔi.ti] molhado

[ka.ʔa.ri.ʷE.ti] ele está doente

[ta. piʃ ʔi] galinha

[v] Segmento fricativo labiodental vozeado

[vaʃ ne] objetos (para vender)

[i.vá.tla.k•] ele senta

[úE.vEʔ ti] pé

[s] Segmento fricativo alveolar desvozeado

[siʔ m•] ele veio

[i.su.k•.aʔ ti] ele está batendo nele

[siʔ na] cunhado

[S] Segmento fricativo alveopalatal desvozeado

[Suʔ na] ele ficou forte

[Se.ʔé.Siʔa ] filho dele

[•.mí.Siʔ•.nE] coração dele

[h] Segmento fricativo glotal desvozeado

[pí.hiʔ•] quando ele foi

[t•@hiE] sino

[jE@hiʔa.pu] pode ir

[ú] Segmento fricativo glotal vozeado

[úi.Ŋga] Vamos/ Até logo.

[úEʔ vE] o pé dele

[i.úaf Ro.ti] até amanhã

[tS] Segmento africado alveopalatal desvozeado

[a.úö a.úö Ôgí.tSì•.a] continuei esfregando-o

[ÈZE.ʔE@SìA] meu filho

[é.tSìo.a] ele sabe

[m] Segmento nasal bilabial vozeado

[maf k•] corda

[E@nìo.mE.a] cunhado dele

[pi.h•.tí.mì•] ele irá

[n] Segmento nasal alveolar vozeado

[S•@.nìa.e] ano

[n•† nE.ti] face

[i.s•@nìEW] o pensamento dele

[ø] Segmento nasal palatal vozeado

[øo.né.tìi] planta

[Ébú.øìE.ka] boneca

[ʃoʃo] crista

[Éb] Segmento pré-nasalizado bilabial vozeado

[Ébiʰ•] eu fui

[Ébaʰ•] minha boca

[Ébi.úaʰia.v•] estou voltando para casa

[<d] Segmento pré-nasalizado alveolar vozeado

[<duʰti] minha cabeça

[<daʰki] meu braço

[ú.niaʰ<di] eu estou bem

[<z] Segmento pré-nasalizado alveolar vozeado

[<ziʰm•] eu vim

[<zá.ʰia] meu pai

[iá<z•niEW] meu pensamento

[ÉdZ] Segmento pré-nasalizado alveopalatal sonoro

[ÉdZe.ʰe.ʰSiA] meu filho

[e.ÉdZio.a] eu o conheço



[ĚdZu.i] juiz

[ĚZ] Segmento pré-nasalizado palatal vozeado

[ĚZe.ʔé.Siã] meu filho

[ãĚZá.ʔiã.S•] eu gosto

[oãmí.ĚZi•.nE] meu coração

[Ôg] Segmento pré-nasalizado velar vozeado

[•@viãÔgu] minha casa

[noãÔgi•.nE] eu preciso

[Ôgaŋ kE] meu brinco

[l] Segmento lateral alveolar vozeado

[l•ŋ pE] esquerda

[a.ŋu.no.e] filha

[la. paŋ pE] biju (bolo de tapioca)

[lJ] Segmento lateral alveopalatal vozeado

[lJ•ŋ pE] esquerda

[lJa. paŋ pE] beiju

[pu. lju. lju. ?li. ti] poeira

[R] Segmento tepe alveolar vozeado

[kuʔ RE] porco

[í.ki•.R•.k•.v•] ele caiu

[aʔ Ru.no.e] moça

[w] Segmento aproximante bilabial vozeado

[oãwõ.Ôgu] minha casa

[ i.ãvaã<dã.k•] eu sento

[áJ.ni•.w•] todos

[j] Segmento aproximante palatal vozeado

[jeʔ n•] esposa

[na kE@iE.jE] como vai?

[juʔ Ru.ka.pu] entre!

## 2.2. Inventário dos fones vocálicos

Foram encontrados vinte e cinco sons vocálicos conforme descrito abaixo.

	Anterior				Central				Posterior			
	não-arredondado				não-arredondado				arredondado			
	oral		nasal		oral		nasal		oral		nasal	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alto	[i]	[ĩ]	[ĩ̃]	--	--	--	--	--	[u]	[ũ]	[ũ̃]	[ũ̃̃]
Médio	[e]	[ẽ]	[ẽ̃]	[ẽ̃̃]	[ø]	[ø̃]	--	--	[o]	[õ]	[õ̃]	[õ̃̃]
Médio-baixo	[ɛ]	[ɛ̃]	--	--	--	--	--	--	[ɔ̃]	[ɔ̃̃]	--	--
Baixo	--	--	--	--	[a]	[ã]	[ã]	[ã̃]				

Quadro (2) Tabela dos fones vocálicos

Obs: As vogais nasais longas denotam tom descendente, porém, devido às limitações tipográficas não podemos incluir juntamente com estes segmentos o acento circunflexo ortográfico.

[i] Segmento vocálico anterior, alto, oral, não-arredondado.

[í.p̃ĩ.ṽ] roupa dele

[o.mí.Sĩ.nE] coração dele

[ko.E.kú.tĩ] coisa

[ĩ̃̃] Segmento vocálico anterior, alto, oral, não-arredondado, longo.

[ĩ̃̃ti] você

[ta.p̃ĩ̃̃?i] galinha

[ú̃ĩ̃̃p̃] unha

[ĩ] Segmento vocálico anterior, alto, nasalizado, não-arredondado.

[ĩã < z • @niEW] meu pensamento

[ĩ.Ébũ • .v • ] minha roupa

[oãmi.ãZũ • .nE] meu coração

[e] Segmento vocálico anterior, médio, oral, não-arredondado.

[e.m • @?lu] palavra dele

[Se. ?é. Siã] filho

[té. jã] telha

[eĩ] Segmento vocálico anterior, médio, oral, não-arredondado, longo.

[meW.keĩ ke] fora de

[peĩ no] casa, construção

[seĩ no] mulher

[eã] Segmento vocálico anterior, médio, nasalizado, não-arredondado.

[eãm • i?uã] minha palavra

[aĩ Ruãno.eã < Za] minha moça

[a.k • aãriãneã] eu não tenho doença

[ẽ] Segmento vocálico anterior, médio, nasalizado, não-arredondado, longo

[ẽ] sim

[a.n ẽ <g •] eu estive lá

[ẽno] minha mãe

[E] Segmento vocálico anterior, médio baixo, oral, não-arredondado.

[na kE@jE.jE] como vai?

[eã <zE.hE@jE.S •.ti] estou raspando

[E.ã •.m •.nE] exatamente

[Ẽ] Segmento vocálico anterior, médio baixo, oral, não-arredondado, longo.

[ko.Ẽt ku.ti] qualquer

[pẼt n •] casa, construção

[sẼt n •] mulher

[Ö] Segmento vocálico central, médio, oral, não-arredondado.

[Öãhü.ka.S •.v •] ele estudou

[Öãhü.ka.So.vo.ku] escola dele

[a.úö a.úö. <gi.ã •.a] continuei esfregando-o

[õ] Segmento vocálico central, médio, oral, não-arredondado, longo.

[põ hE] vá!

[úõ SE] teu vestido

[a] Segmento vocálico central, baixo, oral, não-arredondado.

[á.nlu] pescoço

[Sú.nla.ti] ele está forte

[a.Suñ na] quando ele ficar forte

[ã] Segmento vocálico central, baixo, oral, não-arredondado, longo.

[tañ ki] o braço dele

[i.úañ Ro.ti] bom dia

[añ ti] irmão mais novo

[aã] Segmento vocálico central, baixo, nasalizado, não-arredondado.

[iãwaã < dila.k • ] eu sento

[paãÔgu] banco

[ aãËZá. ?ila.S • ] eu gosto

[ã] Segmento vocálico central, baixo, nasalizado, não-arredondado, longo

[aĩ jo] meu cunhado

[aĩ <di] meu irmão mais jovem

[u] Segmento vocálico posterior, alto, oral, arredondado.

[u.ãa.ti] tudo bem

[ko.Eĩ ku.ti] qualquer

[õãõ.ka.So.vo.ku] escola dele

[uũ] Segmento vocálico posterior, alto, oral, arredondado, longo.

[tuũ ti] cabeça

[hi.tuũ Ri] grama

[kuũ RE] porco

[ uã] Segmento vocálico posterior, alto, nasalizado, arredondado.

[ã.nuã] minha garganta

[aũ RuãnoãeãZa] minha moça

[eãm •ã?ũã] minha palavra

[ uũ] Segmento vocálico posterior, alto, nasalizado, arredondado, longo.

[uũ <di] eu – me

[o] Segmento vocálico posterior, médio, oral, arredondado.

[o.jE@?te.ko] cozinhar

[Ö.hö@kia.So.vo.ku.ti] escola de alguém

[aJ.na.po.já.ki•.E] obrigado/a

[oŃ] Segmento vocálico posterior, médio, oral, arredondado, longo.

[pi.hoŃti] ele vai

[loŃpe] esquerda

[hoŃ?o] mel

[oŃ] Segmento vocálico posterior, médio, nasalizado, arredondado.

[oãmi.ËZi•.nE] meu coração

[oãwloã<gu] minha casa

[aãjo] meu cunhado

[oĩ] Segmento vocálico posterior, médio, nasalizado, arredondado, longo.

[oĩe] meu dentes

[oĩÔg•] minha tia

[oĩËZu] meu avo^



[•] Segmento vocálico posterior, médio baixo, oral, arredondado.

[•@vɨ•.ku] casa dele

[•.mi.S•@nɨE.ti] coração de alguém

[ní.kɨ•] quando ele come

[•ʉ] Segmento vocálico posterior, médio baixo, oral, arredondado, longo.

[•ʉpE] osso

[si.m•ʉ] foi ele que veio

[pi.h•ʉti] ele vai

## 2.3 INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA

A partir da descrição fonética, apresentamos uma análise fonológica de cunho estruturalista (Pike, 1947) com o objetivo de determinar os sons distintivos da língua, tais como a identificação de pares mínimos bem como a observação de variação livre e de distribuição complementar.

### 2.3.1 Segmentos consonantais

#### 2.3.1.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo.

1. [p] e [m]

(a) [poʉ hõ] pato

[moʉ hõ] brinquedo

(b) [p•.kE@?iE] terra

[m•@kiE.RE] bobo

2. [t] e [R]

a) [ta.ªiã] pássaro

[Ra.ªa] este

b) [Ra.ma.ªiu] abrigo

[ta.mu.ªiu] cachorro

3. [t] e [n]

a) [t•†nE] estação de trem de Taunay/MS

[n•†nE] face

b) [tiü'jE] enguia

[niü'jE] um tipo de semente para tingir o corpo

4. [k] e [ʔ]

(a) [ha†ka] dente do siso

[ha.ªiã] pai dele

(b) [h•†k•] seguir

[h•†ʔ•] mel

5. [ʔ] e [h]

a) [p•ʔ?i] outro

[p•ʔ hi] pato

b) [kEʔ?i] pernilongo

[kaʔ hi] macaco

6. [s] e [S]

a) [saʔ?e] orquídea

[Saʔ?a] peito

b) [sEʔ nE] urina

[SEʔ nE] caminho

7. [n] e [R]

a) [E.nE] este

[Eʔ RE] cinzas

b) [n•ʔki•.E] desprovido

[R•ʔkiE] bicho de pé

8. [l] e [R]

a) [l•t̃pE] esquerda

[R•k̃iE] bicho de pé

(b) [a.ŋu.no.e] filha

[a.ŋu.no.e] garota

9. [m] e [n]

(a) [muŋj•] pessoas

[nuŋv•] mastigar

(b) [maŋk•] corda

[naŋku] onde

10. [n] e [∅]

a) [n•.nEŋti] fotografia

[∅•.nEŋti] planta

b) [a.na] raiz

[a.∅a] piolho

Por ser o fonema nasal palatal [∅] pouco freqüente na língua e com forte tendência à assimilação ao fonema nasal alveolar [n] não o incluiremos em nosso quadro fonêmico.

### 2.3.1.2 Distribuição complementar

Em *Terena* os segmentos prenasalizados são alofones das obstruintes desvozeadas. A primeira pessoa do singular é marcada por prenasalização e vozeamento da primeira obstruinte; acompanhado de nasalização de todos os segmentos que precedem a pré-nasal, isto é, vogais e consoantes soantes.

### Oclusivas

3<sup>a</sup> p.sg.            1<sup>a</sup> p.sg.

/p/            >    [Éb]

[püü'h•]            [Ébüü'h•] eu fui

/t/            >    [<d]

[tuŭ ti]            [<duŭ ti] minha cabeça

/k/            >    [Ôg]

[•vü•.ku]            [õ.vüõ.Ôgu] minha casa

### Fricativas

/s/            >    [nz]

[sí.mü•.a]            [<zí.mü•.a] eu vim

/h/            >    [<z]

[há.ʔüa]            [<zá.ʔüa] meu pai

/S/            >    [ËZ]

[Se.ʔé.SüA]            [ËZE.ʔé.SüA] meu filho

/h/            >    [ËZ]

[ahí.kü•.v•.ti]            [aËZí.kü•.v•.ti] eu estou tomando banho

[j] e [jâ] estão em distribuição complementar.

3<sup>a</sup> p.sg.                      1<sup>a</sup> p.sg.

/j/                      >                      [jâ]

[aŋj•]                      [ãi jâ] meu cunhado

[j] e [jâ] são alofones do fonema aproximante /j/

### 2.3.1.3 Variação livre

Em nosso trabalho de campo encontramos alguns sons consonantais ocorrendo como variantes livres.

1.                      [øZ] - [ndZ]

(a) [ÈZE. ?é. SiA] - [ÈdZe. ?é. SiA] meu filho

[ÈZ] e [ÈdZ] são variantes livres do fonema [S] (3<sup>a</sup> p. sing).

2.                      [S] - [tS]

(a) [ÈZE. ?é. SiA] - [ÈZe. ?é. tSiA] meu filho

(b) [a.hö a.hö Ôgi. Si•.a] - [a.hö a.hö Ôgi. tSi•.a] continuei esfregando-o

[S] e [tS] são variantes livres do fonema /S/

3.                      [ú] - [h]

a) [pi.ú•t ti] - [pi.h•t ti] ele vai

Por ser o segmento fricativo glotal desvozeado [h] de uso mais freqüente este será elegido como fonema.

[ú] e [h] são variantes livres do fonema /h/.

#### 4. [l] - [lj]

Falantes *Terena* da aldeia de Cachoeirinha/MS tendem a pronunciar a lateral com um som palatalizado [lj] em todos os ambientes.

a) /l•.pE/ - [lj•t pE] esquerda.

b) /la.pa.pE/ - [lja.paŋ pE] biju

[l] e [lj] são variantes livres do fonema /l/.

#### 5. [v] - [w]

A fricativa labiodental [v] está em variação livre com a aproximante labial [w] quando seguida das vogais posteriores [o], [u] e da vogal central [a].

a) [•@vitoáÔgu] - [•@witoáÔgu] minha casa

b) [i.va.â<dila.k•] - [i.waâ<dila.k•] eu sento

[v] e [w] são variantes livres do fonema /v/.

Porém quando seguida das vogais anteriores [i], [e] ocorre somente a fricativa labiodental [v].

[i.tu.k•@i•.vi.ti] Deus

[•.m•@?i•.vi] ele nos carregou

[úE.vE† ti] pé

### 2.3.1.3.1 O vozeamento pós-nasal.

Myers (2002), em seu estudo sobre a tipologia fatorial do vozeamento em grupos consonantais, argumenta que em várias línguas do mundo uma obstruinte desvozeada não pode ocorrer depois de um segmento nasal (\*NC#).

Segundo Pater (1999) a maioria das línguas evitam tal restrição através da assimilação de vozeamento da obstruinte pela nasal anterior.

Ex: língua *Terena*

1<sup>a</sup>.p.sg.

/N - piho/ > [Ébitʰ•] eu fui

Porém em outras línguas pode ocorrer a elisão da nasal ou da obstruinte, ou ainda, uma mudança do segmento nasal em uma oclusiva oral.

### 2.3.1.3.2 Contornos nasais

Em *Terena* o morfema de primeira pessoa do singular é um traço “flutuante” (Zoll, 1998), ou seja, uma consoante nasal porém não especificada de traço de lugar. A nasal combinada com uma obstruinte resulta em segmentos de contorno, isto é, uma unidade temporal ligada a dois nós de raiz.

Exemplo: (a) segmento simples (uma unidade de tempo ligada a um nó de raiz) e (b) segmentos de contorno (uma unidade de tempo ligada a dois nós de raiz).



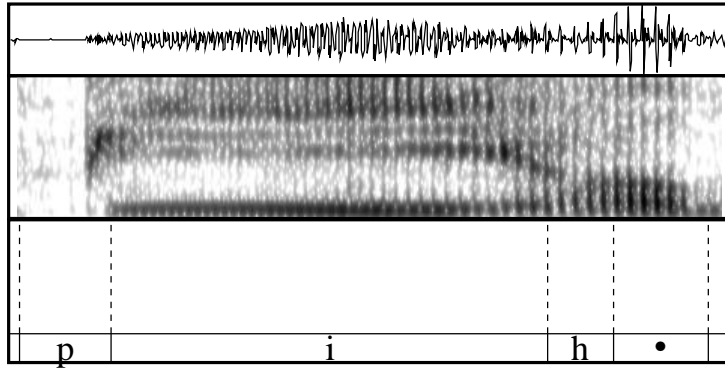
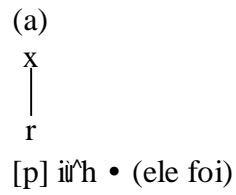


figura (1)

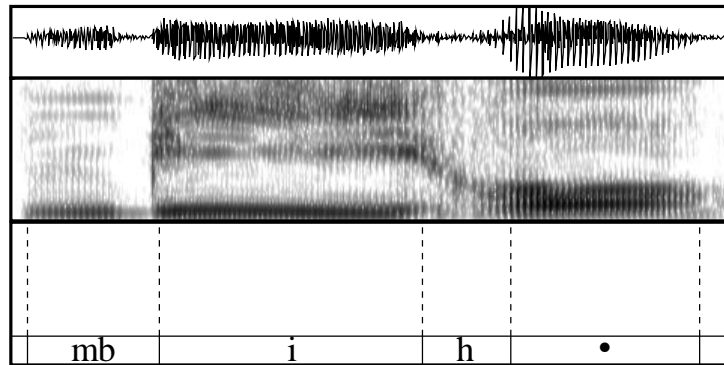
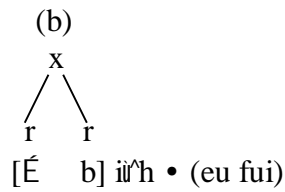


figura (2)

Com a pré-nasalização a nasal adquire o traço de lugar de uma obstruente com a qual ela combina. Ex: /N - piho/ > [Épi<sup>h</sup>ho]

Em troca a consoante nasal provê o contexto de vozeamento da obstruente que lhe segue.

Ex: /N-piho/ > [Ébi<sup>h</sup>ho]

Desse modo há uma relação de simbiose para o contorno nasal em *Terena*.

Segundo Wetzels (comunicação pessoal) a presença de contornos nasais representa a situação não-marcada. Uma vez que esses segmentos são alofones das oclusivas desvozeadas subjacentes, a seqüência de fases nasal e oral desses segmentos é previsível.

### 2.3.1.4 Quadro dos fonemas consonantais

A partir da análise fonológica acima fica estabelecido 13 fonemas consonantais na língua *Terena*.

Fonemas consonantais						
Modos de Articulação	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/		/t/		/k/	/ʔ/
Fricativa		/v/	/s/	/S/		/h/
Nasal	/m/		/n/			
Lateral			/l/			
Tepe			/R/			
Aproximante				/j/		

Quadro 3. Tabela dos fonemas consonantais.

### 2.3.2 Segmentos vocálicos

#### 2.3.2.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo.

1. [i] e [e]

(a) [lii'li] uma espécie de peixe

[leŋ le] irmão/primo mais velho

(b) [uʎ ti] nós

[uʎ te] irmã mais velha

2. [e] e [a]

(a) [taʎ ?e] pássaro

[taʎ ?la] papa-sebo (pássaro)

(b) [oʎ pe] osso

[oʎ pia] permanecer

3. [a] e [o]

(a) [té.jia] telha

[teʎ jo] respeitar

(b) [i.naʎ] neste momento

[Eʎ no] muito

4. [o] e [u]

(a) [hoʎ ?o] mel

[hoʎ ?u] muito

(b) [é.Sio] saber

[iʎ^Su] larva

### 2.3.2.2 Distribuição complementar

Como mencionado anteriormente, a concordância de primeira pessoa do singular se faz através de nasalização. As vogais nasais são alofones das vogais orais.

Quando não há obstruintes na raiz, a afixação resulta em espalhamento do traço nasal por todos os segmentos na primeira pessoa do singular.

3<sup>a</sup> p.sg.      1<sup>a</sup> p.sg  
/ i /      >    [ ĩ ]  
[í.nĩo]      [ ĩ.nĩõ ] eu coloquei

/ u /      >    [ ũ ]

[á.nĩu]      [ã.nĩũ] minha garganta

/ e /      >    [ ẽ ]

[ẽ.nõ]      [ ẽ.nõ ] minha mãe

/ o /      >    [ õ ]

[õ.e]      [õ.ẽ] meu dentes

/ a /      >    [ ã ]

[ã.j•]      [ã.jõ] meu cunhado

Há porém algumas poucas palavras em *Terena* (Butler & Ekdahl, 1979; Bendor, 1961) bem como em *Kinikinau* (Souza, 2008) que apresentam nasalização que não tem nenhuma relação com a concordância de primeira pessoa do singular.

Nasaliza-se a última vogal, geralmente /u/, antecedida de consoante nasal de alguns substantivos quando não seguidos de sufixo.

[mẽ.ũ] campo

[naŋ ũ] carne.

Porém quando o sufixo está presente desaparece a nasalização.

[meW.kEŋ kE] no campo

[náW.kiE] na carne.

Segundo Bendor (1961:74) a nasalização neste caso sinaliza finalização de palavra, ou seja, exerce uma função demarcativa supra-segmental em fronteiras de constituintes prosódicos.

### 2.3.2.3 Variação livre

1. [e] está em variação livre com [E] em todos os ambientes, com uma notável preferência dos falantes pela vogal aberta [E]

[e] - [E]

(a) [meW.keŋ ke] - [mEW.kEŋ kE] fora

(b) [ke.n•k̄iu.ke] - [kE.n•k̄iu.kE] na orelha dela/e

[e] e [E] são variantes livres do fonema /e/.

2. [o] e [•] estão em variação livre em todos os ambientes, com uma notável preferência dos falantes pela vogal aberta [•]

[o] - [•]

(a) [pi.úo.tí.m̄io] - [pi.ú•.tí.m̄i•] ele irá

b) [ke.nó.k̄iu.ke] - [ke.n•k̄iu.kE] na orelha dela/e

[o] e [•] são variantes livres do fonema /o/.

#### 2.3.2.4 A vogal central [ö]

Em *Terena* há uma vogal central [ö] de uso pouco freqüente na língua. Aparece sempre contíguo à fricativa glotal [h].

Ex. [ö<sup>h</sup>hiö.ka.S•.v•.ku] escola dele

Em *kinikinau* (Souza, 2008) a vogal [i] está em distribuição complementar com [ö]. A vogal central [ö] ocorre contíguo à fricativa glotal [h] e a vogal [i] nos demais ambientes.

Porém este não parece ser o caso em *Terena*, pois tanto [i] quanto [ö] aparecem contíguo à fricativa glotal [h].

a) [hi.ö<sup>h</sup>ga<sup>h</sup>] Vamos!

b) [pi.<sup>h</sup>hi•] quando ele foi

c) [ö<sup>h</sup>hiö.ka.S•.v•] ele estudou

Essa vogal parece representar um resquício histórico do *Proto-Aruak* em *Terena* e merece um estudo a parte. Por ser pouco freqüente na língua não a incluiremos em nosso quadro fonêmico.

*Plot* das vogais em *Terena* (F1/F2 – quatro *tokens* para cada vogal) juntamente com a vogal central [ö].

Obs. Os dados são de um único informante do sexo masculino.

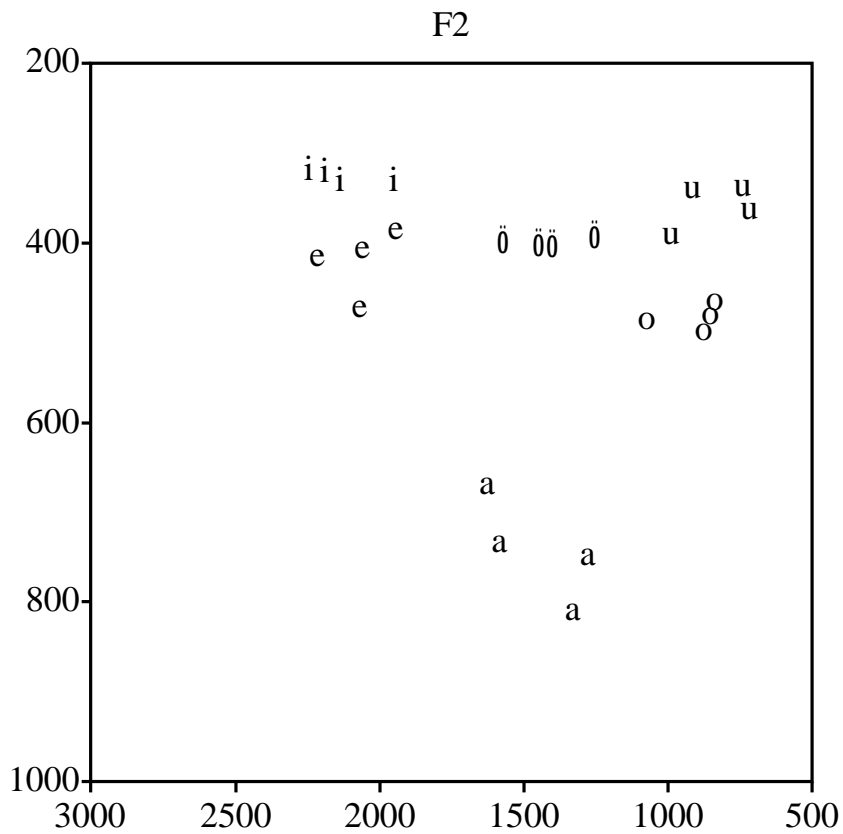


Figura (3)

### 2.3.2.5 Alongamento vocálico

A língua *Terena* não apresenta vogais longas no nível subjacente. O alongamento vocálico aparece no nível de superfície como um dos correlatos acústicos do acento. Esse tema será tratado quando referirmos sobre a acentuação em *Terena* (Capítulo 4).

### 2.3.2.6 Plot dos fonemas vocálicos

A partir da análise fonológica acima fica estabelecido 5 fonemas vocálicos na língua *Terena*.

O *plot* abaixo demonstra os valores da frequência média (F1/F2) para cada vogal a partir da figura (3).

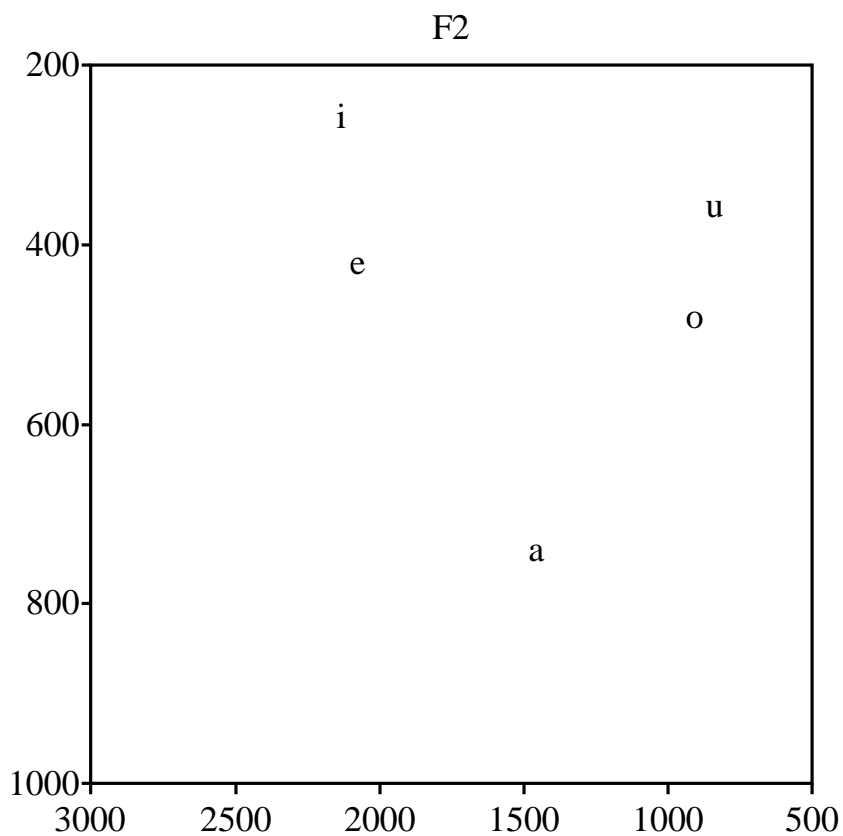


figura (4)

No modelo de Geometria de Traços (Clementes & Hume, 1995) as vogais são especificadas quanto ao ponto de articulação e grau de abertura.

#### 1. Ponto de articulação

As vogais são distinguidas pela oposição entre os seguintes traços de articuladores:

- a) [labial]: protrusão dos lábios (vogais arredondadas ou labializadas);
- b) [coronal]: levantamento da ponta ou lâmina da língua (vogais frontais);



c) [dorsal]: levantamento do corpo da língua (vogais posteriores)

## 2. Grau de abertura

As distinções de altura vocálica são representadas através de traços de abertura.

A língua *Terena* exibe um sistema de três alturas vocálicas representado por apenas dois traços de abertura – [aberto 1] e [aberto 2].

Representação das vogais em *Terena* quanto ao ponto de articulação e grau de abertura.

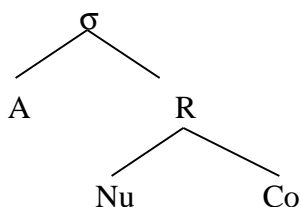
<b>Vogais</b>	<b>/ i /</b>	<b>/ u /</b>	<b>/ e /</b>	<b>/ o /</b>	<b>/ a /</b>
labial	--	+	--	+	--
coronal	+	--	+	--	+
dorsal	--	+	--	+	–
[aberto 1]	--	--	--	--	+
[aberto 2]	--	--	+	+	+

Quadro (4) ponto de articulação e grau de abertura vocálica

## CAPÍTULO 3

### A SÍLABA EM *TERENA*

Para formar os itens lexicais de uma língua, os fonemas organizam-se em seqüências que formam sílabas. Vários autores, tais como Itô (1986) e Kenstowicz (1994), consideram a sílaba como um constituinte que tem estrutura interna e uma hierarquia, constituída por um elemento opcional, o *ataque* (A), e por outro obrigatório, a *rima* (R) que, por sua vez, se subdivide em um *núcleo* (Nu), também obrigatório, e uma *coda* (Co), opcional.



A representação de uma estrutura interna silábica vem se mostrando relevante na representação de diferentes processos fonológicos, tais como ressilabificação e atribuição acentual.

#### 3.1 Padrões silábicos

O padrão silábico da língua *Terena* é (C) V (V).

Exemplo de cada um dos tipos silábicos.

##### **Padrão V.**

Neste padrão silábico todas as vogais ocorrem em início de palavra tanto em posição tônica como pretônica. Em outras posições (meio e final de palavra) este padrão não é tão produtivo.

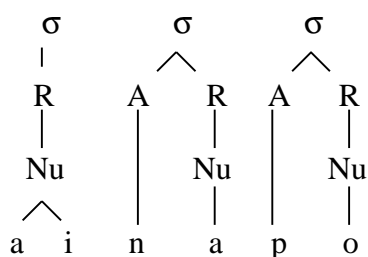
Vogal	Início de palavra	
	Tônica	Pretônica
/i/	[i.əi.v•] roupa dele	[i.p.v.əi] roupa de alguém
/u/	[u.əiE] mel	[u.Ra.əi.ʔi] nu
/e/	[E.əio.mE.a] cunhado/a dele	[E.no.əiE.a] talvez
/o/	[•əvi.ku] casa dele	[•v.ku.əi] casa de alguém
/a/	[a.əi] garganta	[a.Suʔ na] quando ele ficar forte

### Padrão VV.

Uma vez que a aproximante labial [w] não faz parte do inventário fonológico consonantal em *Terena*, propomos que a posição ocupada pelos glides [j] e [w], no nível subjacente, é de natureza vocálica /i/ e /u/ respectivamente e ocupa com a vogal silábica o núcleo da sílaba (VV sílaba aberta) e não na coda silábica (VC sílaba fechada).

Mesmo na língua *Kinikinau* (Souza, 2008), com a qual a língua *Terena* tem muita semelhança, o padrão silábico VC é raro.

A língua *Terena* apresenta portanto um núcleo silábico ramificado VV, ou seja, um ditongo. Ex. /ai/ - [a@.niã.p•] “obrigado”.



Tipos de ditongos encontrados.

Todos os ditongos encontrados são decrescentes e ocorrem tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas.

/iu/ [tíW.ʔii] firme

/ei/ [héJ.nle.no.ne] sorrir

/eu/ [kú.vieW] dentro

/oi/ [S•@.nia.e] ano

/ou/ [póW.kie] assento

/ai/ [há.nlaJ.ti] grande

/au/ [aW.kio.vo] retornar

### **Padrões CV e CVV.**

Todas as consoantes, exceto a oclusiva glotal [ʔ] que aparece somente em meio de palavra, ocorrem na posição de *ataque* em início e meio de palavra.

Consoante	Início de palavra		Meio de palavra	
	CV	CVV	CV	CVV
/p/	[poʔ hō]	[póW.kie]	[í.pi•.v•]	[Si.Rí.pi•J]
/t/	[ta.mu.kiu]	[tíW.ʔii]	[tuʔ ti]	[pi.Rí.tiaW]
/k/	[kaʔ ʔi]	[kóW.ʔii..ko]	[ti.kó.tii]	[hó.kieW]
/ʔ/	-----	-----	[h•ʔ ʔ•]	[í.tia.ʔiW]
/v/	[vaʔ ne]	[váW.ki•]	[hE.vEʔ ti]	[kú.vieW]
/s/	[sEʔ nE]	[sáJ.kie.So]	[i.su.k•.aʔ ti]	-----

/S/	[SEʔ nE]	[S•@.nã.a.e]	[n•@.Si•]	[SáW.SiãW]
/h/	[há.ʔiã]	[háJ.nã.a.Ra]	[p•ʔ hÖ]	-----
/m/	[moʔ hÖ]	[mEW.kEʔ kE]	[siã'm•]	-----
/n/	[n•.nEʔ ti]	[n•@.Si•]	[n•.nEʔ ti]	[i.s•ãüEW]
/l/	[l•ʔ pE]	[léJ.tië]	[kiʔ lu]	-----
/R/	[Ra.ma.ʔiã]	[ReJ]	[i.hãʔ Ro.ti]	[p•@RiëW]
/j/	[jeʔ n•]	[jáJ.ki•]	[na kE@üE.jE]	[hí.jüëW]

Quadro (1). Tabela de padrões silábicos

Lista de palavras e seus significados referente ao quadro (1) acima.

[p•ʔ hÖ] pato

[p•@.kiE] assento

[i.pi•.v•] roupa dele

[Si.ri.ʔiãJ] massa de mandioca (para secar)

[ta.mu.ʔiã] cachorro

[tíW.ʔiã] duro

[tuʔ ti] cabeça dele

[pi.Rí.tiãW] um tipo de peixe

[kaʔ ʔi] macaco

[k•@.ʔiã.k•] cru

[ti.k•@iã] árvore

[h•@kiEW] feitiço

[h•t?•] mel

[í.tiã. ?iW] convidado

[vaŋ nE] objetos (para vender)

[vaW.k•] gritar

[úE.vEŋ ti] pé

[kú.viëW] quarto

[sEŋ nE] urina

[sáJ.kië.So] apimentar

[i.su.k•.aŋ ti] ele bateu nele

[SEŋ nE] caminho

[S•@.niã.e] ano

[n•@.Si•] ver

[SáW.SiãW] pássaro (de cor preto e amarelo)

[ha.?a] pai dele

[háJ.niã.Ra] tudo bem!

[moŋ hÖ] brinquedo

[mEW.kEŋ kE] fora de

[siŋm•] ele veio

[n•.nEʔ ti] fotografia

[n•ʔ.Si•] predizer

[i.s•@niEW] pensamento

[l•ʔpE] esquerda

[léJ.tiE] leite

[kiʔʔlu] quilo

[Ra.ma.ʔlu] abrigo

[ReJ] rei

[i.úaf Ro.ti] até amanhã

[p•ʔRieW] doação

[jeʔ n•] esposa

[jáJ.ki•] gritar

[na kEʔiE.jE] Como vai?

[hi.ʔeW] cordão

### 3.2 A oclusiva glotal [ʔ] em final de palavra

Existem algumas poucas palavras em *Terena* em que a oclusiva glotal [ʔ] aparece em final de palavra quando em sílaba oxítona.

Vocativos: [ka.li.v•.n•@] criança!

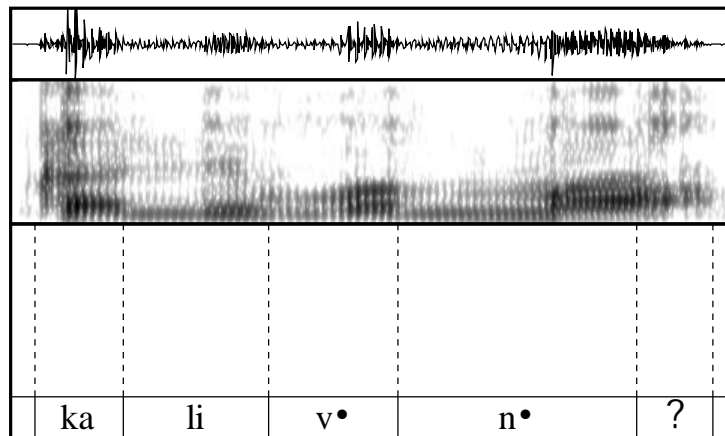


Figura (1)

A produção da oclusiva glotal [ʔ] é descrita por um fechamento da glote, sem, contudo, haver oclusão na cavidade oral (Ladefoged & Maddieson, 1996).

Devido a esta sua propriedade, a glotal pode se comportar em algumas línguas como um fonema regular da série das oclusivas além de, como na palavra acima, exercer uma função demarcativa supra-segmental em fronteiras de frases ou de palavras. (Martins, 2004).

### 3.3 Ressilabificação

A língua *Terena* apresenta alguns processos de ressilabificação vocálica que ocorre na fronteira entre palavras, tais como ditongação e degeminação.

#### 3.3.1 Ditongação



A formação de ditongos ocorre com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro. A segunda vogal da seqüência apresenta-se sempre como vogal baixa central /a/ (restrição segmental) e o domínio para esta regra é a frase fonológica.

a) [a.kɔ não [a.ʃu.na]w está forte > [a.koa.Su.na]φ ele não está forte

b) [a.kio.ti]w que não [a.ka.?a.ʃii.nE]w estava doente > [a.kiɔ.tia.ka.?a.ʃii.nE]φ que não estava doente

### 3.3.2 Degeminação

A degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes (restrição segmental) e a segunda vogal aparece em sílaba átona (restrição rítmica). O domínio para esta regra é a frase fonológica

a) [a.kɔ não [u.So*ʔ*i.pE]w visitou > [a.kɔ.So*ʔ*i.pE]φ ele não visitou

b) [va.ne.ʃio]w comprou [o.vɔ.kuʔii]w casa > [va.ne.So.vɔ.kuʔii]φ ele comprou uma casa.

## CAPÍTULO 4

### O ACENTO EM TERENA

A análise do acento em *Terena* será feita com base no modelo não-linear da fonologia métrica de Hayes (1995).

#### 4.1 Uma teoria métrica paramétrica

Em uma teoria paramétrica, um sistema de regras é visto como um conjunto de escolhas (parâmetros) dentre uma lista finita de opções (princípios). As diferentes escolhas efetuadas por cada língua em particular irão refletir aos diferentes padrões acentuais existentes.

Hayes (1995) propõe um modelo de grade parentetizada. Essas grades têm o poder de segmentar a cadeia sonora em sílabas, em que cada “estrela” ou “cabeça” ( \* . ) representa a sílaba proeminente enquanto o “ponto” representa a sílaba não proeminente. O acento é visto portanto como o resultado de um jogo de proeminência entre os constituintes métricos: sílabas, pés, etc.

Segundo Hayes (1995), três tipos de pés, todos contendo duas sílabas, subjazem aos tipos de sistemas de acento das línguas do mundo.

- a) troqueu silábico ( \* . ) – pé dominante à esquerda e insensível ao peso silábico.
- b) troqueu mórico ( \* . ) ou ( \* ) – pé dominante à esquerda e sensível ao peso silábico (moras).
- c) iambo mórico ( . \* ) ou ( \* ) – pé dominante à direita e sensível ao peso silábico (moras).

A construção dos pés pode dar-se da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Um outro parâmetro para as línguas diz respeito aos pés que podem ser construídos

iterativamente, até que toda a palavra seja segmentada (*parsed*) em pés, ou não-iterativamente, até que um pé canônico (básico) tenha sido construído.

A proeminência relativa entre os pés que formam uma palavra é atribuída através da Regra Final, que cria um novo constituinte no topo da grade, atribuindo acento ao cabeça de pé mais à esquerda ou mais à direita na palavra.

Um outro parâmetro métrico diz respeito à noção da extrametricidade (< >) em que um elemento (segmento, sílaba, etc.) torna-se invisível para a regra do acento. Um recurso utilizado pela teoria para explicar por que em determinadas línguas o acento não cai na última sílaba.

Por fim a noção do pé degenerado é utilizado pela teoria. Quando uma seqüência de sílabas é segmentada em pés, algumas podem ficar sobrando. Isso acontece quando a seqüência contém um número ímpar de sílabas. Caso a língua opte por construir pés sobre as sílabas que sobraram, tais pés recebem o nome de degenerados. Porém em outras línguas este tipo de pé é absolutamente proibido.

#### **4.2 O Acento em *Terena***

Segundo Bendor-Samuel (1962) de todos os sistemas acentuais das línguas indígenas da América do Sul poucas superam a língua *Terena* pela sua complexidade.

O acento em *Terena* pode manifestar-se em uma das três primeiras sílabas. Limitação essa, denominada de “Restrição da Janela de Três Sílabas”, segundo a qual, o acento alcança maximamente a terceira sílaba a contar da borda esquerda da palavra (Kager, 1993). Uma restrição rara para a tipologia acentual das línguas do mundo (Hernandéz, 2001)

Apresentamos a seguir uma análise para os padrões acentuais dos substantivos e verbos em *Terena*.

### 4.3 O Acento nos substantivos

#### Classe de Substantivos Possuídos

	POSSUÍDOS				NÃO POSSUÍDOS
	<u>Inalienável</u> (partes dos corpo, termos de parentesco, substantivos derivados)		<u>Alienável</u> (plantas, animais, o universo, palavras emprestadas)		
	Especificamente	Não-especificamente	Especificamente	Não-especificamente	
Posição de acento	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	
Sílaba acentuada	1 <sup>a</sup> ou 2 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup> ou 3 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> ou 2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 3 <sup>a</sup>
Afixos possessivos		forma da 3 <sup>a</sup> p.s. + <i>-ti</i>	regular <i>-na</i>	irregular (ver - 4.3.2.2)	forma da 3 <sup>a</sup> p.s. + <i>-ti</i>

Quadro (1) O acento nos substantivos

Como mostra o quadro acima as classes de substantivos possuídos podem ser divididas em duas grandes categorias, os possuídos e os não-possuídos. Os possuídos estão subdivididos em inalienáveis (específica e não-especificamente) e alienáveis (específica e não-especificamente) (Butler & Ekdahl, 1979; Bendor, 1961)

Além do mais todos os substantivos possuídos têm duas posições onde o acento pode cair. Essas duas posições de acento tem funções gramaticais, pois, relacionam-se com posse. O que se chama de primeira posição é o lugar onde cai o acento nas formas com possuidor definido (possuídos especificamente), enquanto a segunda posição é o lugar onde

cai o acento nas formas com o sufixo *-ti*, que marca posseção indefinida (possuídos não-especificamente).

#### 4.3.1 Classe de substantivos possuídos inalienavelmente (especifica e não-especificamente)

Há três padrões de acentuação para essa classe de substantivos.

a) Padrão 2 – 3 (mais freqüente) leva o acento na segunda sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição)

( \*            )  
( \* . ) < >

i sú kɪ• pɛ

instrumento com que ele bate

[isu- -k -• -pɛ]

R CT SV N

(            \*            )  
( \* . ) ( \* . ) < >

i su. k•ɸiɛ ti

instrumento com que alguém bate

[isu -k -• -pɛ -ti]

R CT SV N PNE

b) Padrão 1 – 3 (freqüente) leva o acento na primeira sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição).

( \*            )  
( \* . ) < >

•ɸiɛ• ku

casa dele

[•v -• -ku]

R SV N

(            \*            )  
( \* . ) ( \* . )

•v• kú.tiɪ

casa de alguém

[•v -• -ku -ti]

R SV N PNE

c) Padrão 1 – 2 (menos freqüente) leva o acento na primeira sílaba (primeira posição) e segunda sílaba (segunda posição)



### 4.3.2 Classe de substantivos possuídos alienavelmente (especifica e não-especificamente)

#### 4.3.2.1 Formação das formas regulares (especificamente)

A maior parte dessa classe de substantivos recebem o sufixo *-na*.

Ex. [ka.Se@nã] o dia dele – [ka.Se.na@li] o dia de alguém.

#### 4.3.2.2 Formação das formas irregulares (especificamente)

Segundo Ekdahl & Butler (1979:72) há uns 50 substantivos dessa classe. Alguns fogem às regras de posseção e precisam ser decorados. Apresentamos a seguir apenas duas das formas mais comuns.

a) Todas as vogais posteriores médias [o] da forma não-possuída são substituídas pela vogal [a] na forma possuída (harmonia vocálica) - [so.poŋ Ro] milho > [sá.pãa.Ra] milho dele.

b) Adição do sufixo possessivo [Sa] da forma não-possuída – [p•.kE@?iE] terra > [p•.kE@?ie.Sa] terra dele.

Há dois padrões de acentuação para essa classe de substantivos.

a) Padrão 2 – 3 (mais freqüente) leva o acento na segunda sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição).

( \* )  
( \* . )  
ka Se@nã  
o dia dele

( \* )  
( \* . ) ( \* . )  
ka Se na@li  
o dia de alguém

[kaSe- -na ]	[kaSe- -na -ti]
R PE	R PE PNE

b) Padrão 1 – 3 (frequente) leva o acento na primeira sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição).

( * )	( * )
( * .)<>	( * .)( * .)
sá pã Ra	sa pa Raãli
o milho dele	milho de alguém

[sapaRa]	[sapaRa- -ti]
R	R PNE

#### 4.4 Classe de substantivos não-possuídos

Essa classe de substantivos apresenta apenas uma única posição acentual mas que pode variar entre a primeira, segunda ou terceira sílaba.

( * )	( * )	( * )
( * .)	( * .)	( * .)( * .)
kaãSiE	p• kE @iE	so po RO ãa
dia	terra	milho lá

[kaSe]	[p•kE?E]	[sopoRo- ja]
R	R	R DE

#### 4.5 Língua tonal ou entoacional?

Embora Aikhenvald (2001) bem como outros estudiosos tenham levantado a hipótese de que a língua *Terena* possa ser uma língua tonal isso não nos parece ser o caso.

A língua *Terena* apresenta alguns pares de palavras, na maior parte substantivos, com uma mesma seqüência de fonemas mas que diferem entre si apenas pelo tipo de acento I ou II (agudo ou circunflexo)



[i.əi] sangue      [iɪˈti] você

[hi.əi•] cigarro      [hiɪˈp•] a unha dele

[t•əhiE] sino      [t•t̩hE] nambu (ave)

[n•.nEəi] planta      [n•.nEɪti] rosto

Apresentamos a seguir uma representação fonológica e análise acústica para os pares [i.əi] “sangue” – [iɪˈti] “você”.

Acento I (agudo)

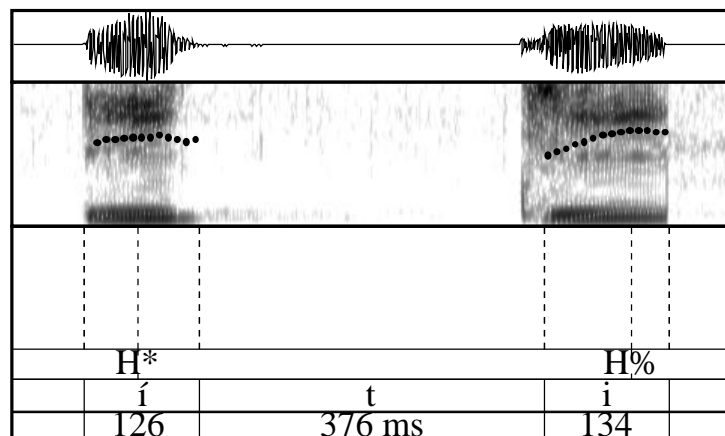
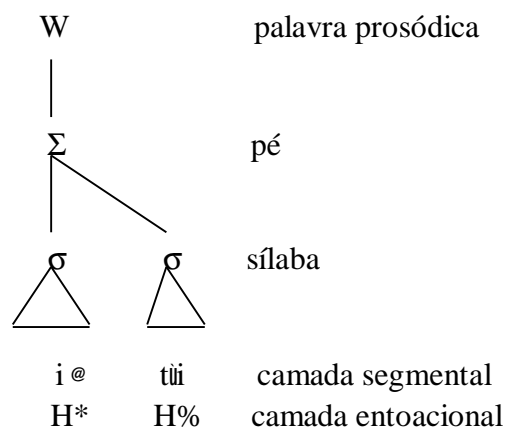


Figura (1) Forma de onda, espectrograma e F0

### Acento II (circunflexo)

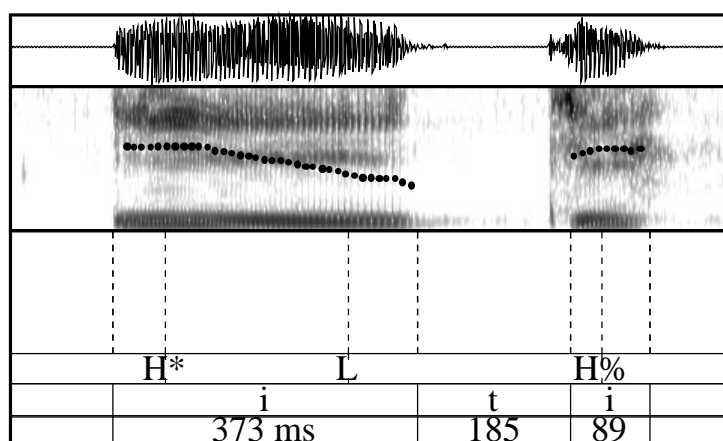
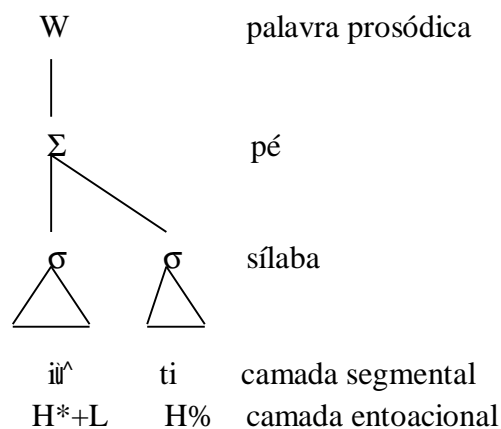


Figura (2) Forma de onda, espectrograma e F0

#### 4.5.1 Correlatos acústicos do acento

O acento I (agudo) na palavra [í.ti:] acima é caracterizado por tons simples e nivelados ( $H^* - H\%$ ). A duração para a vogal tônica é normal (126 ms) e a consoante seguinte, em sílaba átona, apresenta uma duração extremamente longa (376 ms).

O acento II (circunflexo) na palavra [iũ^ti] apresenta um contorno entoacional descendente ( $H^*+L$ ) na sílaba tônica com um tom de fronteira alto ( $H\%$ ). A duração para a vogal tônica é extremamente longa (373 ms).

A língua *Terena* não apresenta segmentos longos no nível subjacente. As variações de duração segmental, que de certa forma aparecem simétricas entre os pares de palavras acima, manifestam-se no nível de superfície como um dos correlatos acústicos dos dois tipos de acento que a língua dispõe.

A partir das análises acústicas acima fica estabelecido que os principais correlatos acústicos do acento em *Terena* são a duração e a altura.

A elevação da frequência fundamental (F0) ou pico entoacional é devido a uma maior pressão subglotal e tensão nas cordas vocais (Pickett, 1999).

Como argumentam Ekdahl & Butler (1979:61) em certos casos há possibilidades de deslocamento acentual em substantivos de duas ou três sílabas:

a) [Eŋ n • i.əi.ja] tem muito sangue lá? > [i.əi] sangue

b) [Eŋ n • i.ti.əa] tinha muito de vocês lá? > [iɪ̃ˈti] você

Uma vez que não ocorre o acento na última vogal de substantivos, quando o sufixo *-ja* não está presente, o acento se desloca para a primeira sílaba em (b). O deslocamento acentual em substantivos é sinalizado, na maioria das vezes, pelo uso do acento II (circunflexo).

Portanto, quando comparamos os pares [i.əi] e [iɪ̃ˈti] inseridos nas frases acima, estas palavras apresentam um único tipo de acento (acento I – agudo) em sua forma base. Demonstrando não ser uma língua tonal e sim um processo fonológico de deslocamento acentual, em que a ambigüidade entre estes pares de palavras é desfeita pelos dois tipos de acento que a língua dispõe.

## 4.6 O Acento nos verbos

Os verbos em *Terena* podem ser subdivididos em duas classes: verbos da classe [-So] e verbos da classe [-a].

### 4.6.1 Verbos da classe [-So]

São caracterizados pela presença das consoantes temáticas [-k], [-S] e sufixo zero seguidos pelo sufixo verbal [-o].

Estas consoantes temáticas (CT) servem para classificar as raízes verbais dessa classe.

- a) [issú -k -o -a] ele bateu nele  
R CT SV Obj.3<sup>a</sup>p.s.
- b) [jut•@ -S -• -a] ele o escreveu  
R CT SV Obj.3<sup>a</sup> p.s.
- c) sem consoante temática [píh -•] ele foi  
R SV

### 4.6.2 Verbos da classe [-a]

Essa classe não apresenta consoantes temáticas e subdivide-se em modo efetivo (positivo) e modo potencial (negativo).

#### 4.6.2.1 Formação do Negativo dos verbos da classe [-a]

A partir da forma básica (modo efetivo, 3<sup>a</sup> p.s. + sufixo *-ti*) o verbo é precedido pelo negativo auxiliar [a.k•] “não” – e sofre as seguintes alterações:

- a) cai o sufixo *-ti* e o acento vai para a primeira posição

b) acrescenta um prefixo.

Se a primeira vogal é [o], o verbo vem prefixado de *o-* no negativo [k•.ju@hli•.ti] “ele está falando” – [a.k• .k•@ju.h•] “ele não está falando”.

Se a primeira vogal no verbo não é [o], o verbo leva o prefixo *a-* no negativo [Su.@li.a.ti] “ele está forte” – [a.k• a.Šiu.na] “ele não está forte”.

Assim como os substantivos, todos os verbos apresentam duas posições de acento, e estas posições relacionam-se com funções gramaticais

#### **4.6.3 Usos do acento da 1ª e 2ª posição para os verbos das classes [-So] e [-a].**

Segundo Ekdahl & Butler (1979:78) estas posições acentuais relacionam-se com funções gramaticais. Apresentamos a seguir somente um exemplo para cada posição:

a) A primeira posição é usada para enfatizar o elemento objetivo

[ku.ti .jE@?iE.k•] O que ele está cozinhando?

b) A segunda posição é usada para enfatizar o elemento subjetivo

[ku.ti .jE.?E@kli•.a] Quem cozinhou?

Uma vez que os padrões acentuais possíveis são os mesmos para ambas as classes verbais, apresentamos a seguir somente exemplos para os verbos da classe [-So].

#### **4.6.4 Padrões acentuais para os verbos da classe [-So].**

a) Padrão 2 – 3 (mais freqüente) leva o acento na segunda sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição)

<p>( * ) ( * .)( * .) • jE@?iE k• a ela o cozinhou [•jE?E- -k -• -a] R CT SV Obj 3ª p.s.</p>	<p>( * ) (* .)( * .)( * .) • jE ?E@kú• a ti ele estava cozinhando-o [•jE?E- -k -• -a -ti] R CT SV Obj3ªp.s Asp. Pr.</p>
--	---

b) Padrão 1 – 3 (freqüente) leva o acento na primeira sílaba (primeira posição) e terceira sílaba (segunda posição).

<p>(* ) (* .)( * .)&lt;&gt; í kú• R• k• v• ele caiu [ik•R•- -k -• -v•] R CT SV RE</p>	<p>( * ) (* .)( * .)( * .) i k• R•@kú• v• ti ele estava caindo [ik•R•- -k -• -v• -ti] R CT SV RE Asp Pr.</p>
---	--

b) Padrão 1 – 2 (menos freqüente) leva o acento na primeira sílaba (primeira posição) e segunda sílaba (segunda posição)

<p>(* ) (* .)( * .)&lt;&gt; ö@hüö ka So vo ele estudou [öhöka- -S -o. -vo] R CT SV RE</p>	<p>( * ) ( * .)( * .)&lt;&gt; ö hökúla Sovo ti ele estava estudando [öhöka-. -S -o -vo -ti] R CT SV RE Asp. Pr</p>
---	--

#### 4.6.5 Regra de construção da grade métrica do acento primário (substantivos e verbos).

Partindo da hipótese de que o acento em *Terena* é livre, ou seja, a posição do acento primário já vem marcada na forma subjacente, podemos construir a grade métrica da

palavra de cima para baixo (*topdown*). A partir do acento primário, inserem-se os pés, completando a grade.

Domínio – a palavra

1) A partir do acento primário (Regra Final – RF) crie logo abaixo deste um novo constituinte binário com cabeça à esquerda (\* .) (regra da Formação de Constituintes

Prosódicos – FCP). Exemplos:

a) verbo (1/3 – 2<sup>a</sup> posição)

/ik•R•k•v•+ti/ - léxico = (radical + sufixos)

i.k•.R•k•.v•.ti - silabificação

( \* ) - RF

(\* .) - FCP

b) substantivo inalienável (2/3 -1<sup>a</sup> posição)

/isúk•+pE/ - léxico = (radical + sufixo)

i. sú.k•. pE - silabificação

( \* ) - RF

(\* .) - FCP

Para dar conta de sílabas não segmentadas à esquerda ou à direita do constituinte binário em (a) e (b) acima, propomos que a direção de segmentação seja bidirecional.

2) Direção de Segmentação – bidirecional

A partir do constituinte criado pela regra de FCP forme outro(s) constituinte(s) binário(s) (\* .) em direção à borda esquerda ou direita da palavra.. Caso contrário considere a sílaba à esquerda como um pé não degenerado (pés degenerados são proibidos) e à direita como extramétrica.

a) verbo (1/3 – 2<sup>a</sup> posição)  
 /ik•R•k•v•ti/ - léxico = (radical + sufixos)  
 i.k•.R•k•.v•.ti - silabificação  
 (        \*        ) - RF  
 ( \* . ) ( \* . ) ( \* . ) - FCP  
 [i.k•.R•k•.v•.ti] - saída

b) substantivo inalienável (2/3 - 1<sup>a</sup> posição)  
 /isúk•+pE/ - léxico = (radical + sufixo)  
 i. sú.k•. pE - silabificação  
 (        \*        ) - RF  
 ( \* . ) <> - FCP  
 [i. sú.k•. pE] - saída

#### 4.6.6 O acento em final de palavra

Existem algumas poucas palavras em *Terena* (substantivos e verbos) em que o acento se manifesta na borda direita da palavra.

##### 4.6.6.1 Substantivos

Como exemplificado em (3.2) essas palavras são sempre acompanhadas pela oclusiva glotal. Uma vez que a língua *Terena* exhibe somente sílabas abertas a oclusiva glotal neste caso é um elemento supra-segmental exercendo uma função demarcativa em fronteiras de palavras, o que parece atrair a acentuação para esta posição. A acentuação final nos substantivos é sempre sinalizada pelo acento I (agudo).

(        \*        )  
 ( . \* ) ( . \* )  
 ka li v• n•@ - criança!

##### 4.6.6.2 Verbos



Alguns verbos (dissílabos ou trissílabos) também apresentam acentuação na borda direita da palavra. A acentuação neste caso tem função gramatical e serve como o único elemento diferenciador entre duas ou três formas verbais. A acentuação final nos verbos é sempre sinalizada pelo acento I I (circunflexo)

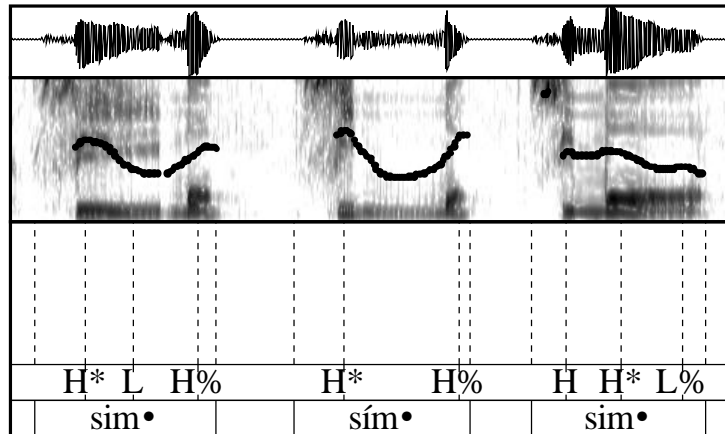


Figura (3)

( * )	( * )	( * )
( * .)	( * .)	( . * )
si <sup>h</sup> m•	si <sup>h</sup> m•	si m• <sup>h</sup>
ele veio	quando ele veio	foi ele que veio

#### 4.6.7 Elisão acentual no nível frasal

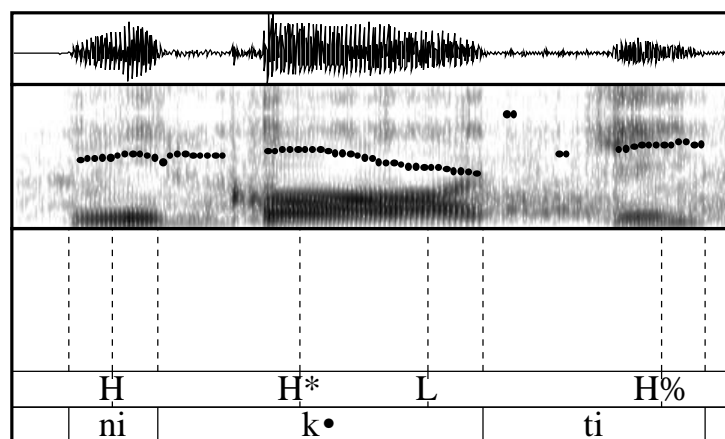


Figura (4)

( \* )  
 ( \* . )  
 ni k•↑ti  
 ele está comendo

Podemos observar na representação acima que o verbo [ni.k•↑ti] quando não acompanhado de objeto recebe o acento II (circunflexo) na segunda sílaba.

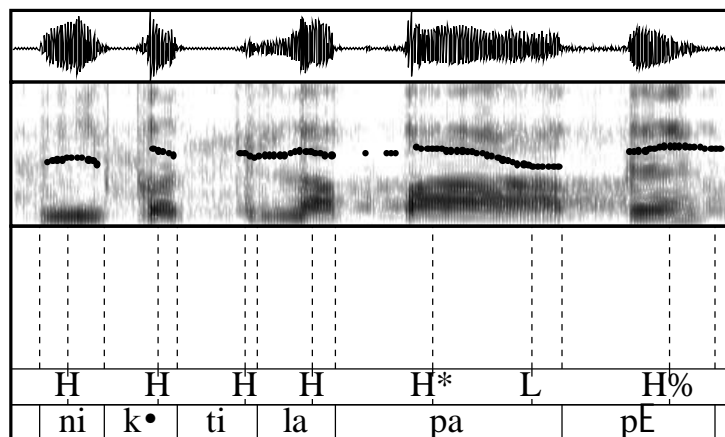


Figura (5)

(            \*    )  
 ( \*    ) ( \*    )  
 ( \* . ) ( \* . )  
 ni k• ti la pa pE  
 ele está comendo biju

Porém, quando há formação de dois constituintes prosódicos, ou seja, quando o verbo vem seguido pelo seu objeto [la.pa pE], ocorre então a elisão acentual II (circunflexo) no verbo.

Este mesmo tipo de processo fonológico pode também ser observado na forma possuída de um substantivo.

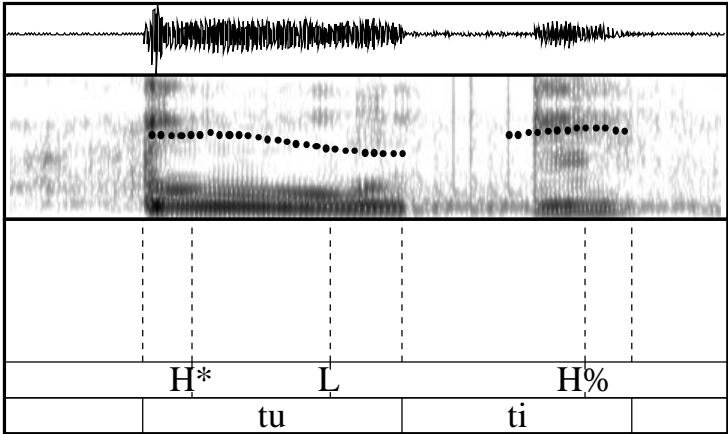


Figura (6)

( \* )  
 ( \* . )  
 tu ti  
 cabeça dele

Como podemos observar na análise acima quando o substantivo possuído não vem seguido pelo seu possuidor, nível da palavra fonológica, leva o acento II (circunflexo) na primeira sílaba

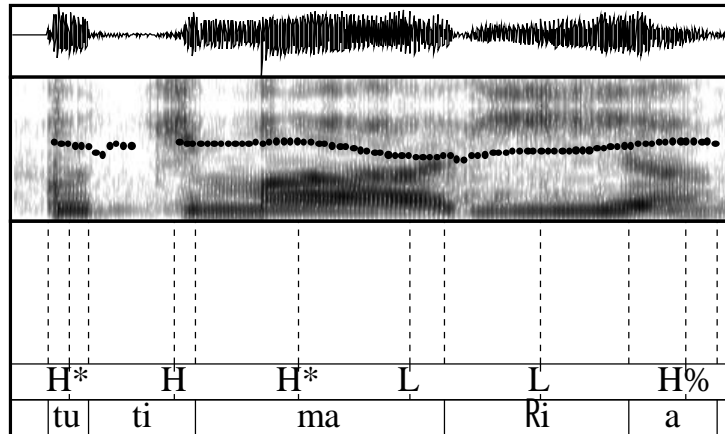


Figura (7)

(            \*            )  
 ( \*    ) ( \*            )  
 ( \* . ) ( \* . ) < >  
 tu ti    ma Ri a  
 cabeça de Maria

Porém, quando este substantivo vem seguido pelo seu possuidor [maʁi.a], nível da frase fonológica, ocorre então a elisão acentual II (circunflexo) do substantivo possuído.

Este tipo de processo fonológico parece indicar que a língua comporta somente um tipo de acento II (circunflexo) tanto a nível da palavra fonológica como da frase fonológica elidindo portanto o acento da borda esquerda do constituinte prosódico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo uma descrição preliminar do sistema fonológico da língua *Terena* a partir de três níveis da hierarquia prosódica: segmental, silábico e acentual.

No nível segmental foi estabelecido um quadro fonético-articulatório – vinte e quatro sons consonantais e vinte e cinco vocálicos – do qual se pôde determinar as unidades distintivas da língua – treze consoantes e cinco vogais orais.

No nível silábico foram identificados os padrões silábicos – (C) V (V).

Em relação ao nível acentual, a língua apresenta um sistema de pés binários com cabeça à esquerda e insensível ao peso silábico (troqueu silábico).

Os resultados de análise apresentados aqui estão sujeitos a uma revisão em etapas posteriores de pesquisa.

Esperamos que outros trabalhos futuros possam a vir contribuir para uma melhor compreensão da fonologia da língua *Terena*, tais como um estudo mais aprofundado sobre o acento e suas interações com a morfologia e a sintaxe, processos fonológicos (a harmonia nasal, a harmonia vocálica, a reduplicação) bem como a entonação.

## ANEXO I

### 1. PALAVRAS DE EMPRÉSTIMO DO PORTUGUÊS EM *TERENA*

No Brasil os *Terena* habitam a região sudoeste do Estado do Mato Grosso do Sul. Uma vez que o povo *Terena* tem vivido em proximidade com a cultura brasileira por várias gerações, não é surpreendente que várias palavras do português têm sido assimiladas em *Terena*.

Segundo Ilari (2002) nenhuma língua escapa de sofrer influências externas. A tendência das palavras recebidas de outras línguas é serem reconhecidas, num primeiro momento, como palavras estrangeiras, porque soam diferentes e se escrevem segundo a grafia da língua de origem. Aos poucos, acontece uma “adaptação” tanto da pronúncia como da grafia; com isso, as palavras “importadas” acabam por confundir-se com as palavras mais antigas da língua.

### 2. ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo tem como objeto de análise algumas palavras de empréstimo do português na língua *Terena*. As modificações ou ajustes que se deram de uma língua para outra foram analisados a partir de três níveis da hierarquia prosódica: segmental, silábico e acentual.

### 3. NÍVEL SEGMENTAL

Palavras do português em que uma nasal em final de sílaba é seguida de uma oclusiva desvozeada na sílaba seguinte tornam-se segmentos pré-nasalizados em *Terena*:

Ex: gram.po > [ká.riã.Ébu] - jan.ta > [ÉZã.<da] - tan.que > [tã.Ôgi] - ban.co > [pã.Ôgu]

Palavras do português que apresentam uma oclusiva vozeada não inicial têm sua correspondente em uma oclusiva desvozeada em *Terena*. Ex: pre.go > [pÉ@tiÉ.ku] - tri.go > [tí.Rii.ku]

A lateral palatal do português é substituída pela aproximante palatal /j/ em *Terena*. Ex: va.si.lha > [Ébá.sii.ja]

A fricativa alveolar desvozeada /s/ é substituída pela fricativa glotal /h/ em *Terena* (influências do espanhol) ou pela fricativa palatal desvozeada [S]. Ex: sa.pa.to > [ha.pâ: tu] - a.çu.car > [á.Siiu.ka]

A fricativa alveolar vozeada [z] do português em posição intervocálica torna-se uma fricativa alveolar desvozeada [s] em *Terena*. Ex: me.sa [me.za] > [mêisa], va.si.lha > [Ébá.sii.ja]

Em sílabas átonas finais que apresentam a vogal /e/ neutralizadas em [i] no português pode apresentar-se em *Terena* como [i]. Ex: bu.le > [Ébú.lii] - bal.de > [Ébá.Rii.ti] ou às vezes [E] (influências do espanhol). Ex: ma.te > [má.tiiE] lei.te > [léJ.tiiE] to.ma.te > [tó.miiã.tE]

Palavras do português iniciadas em oclusivas vozeadas são substituídas por segmentos pré-nasalisados em *Terena*. Ex: bo.la > [Ébôü la] - dou.tor > [<dú.tiiu]. Porém, pode às vezes ocorrer uma oclusiva desvozeada. Ex: ban.co > [pã.Ôgu] - ba.na.na > [pá.niiã.na] - bu.tão > [pú.tiiãW]



#### 4. NÍVEL SILÁBICO

Redução de ataques complexos pela inserção de uma vogal epentética da mesma qualidade que a vogal seguinte. Ex: **tri.go** > [ti.əi.ku] - **me.tro** > [mE@tu.ru] - **pre.go** > [pE@iE.ku]

Palavras do português em que o ditongo [ow] torna-se uma única vogal [u] em *Terena*. Ex: **dou.tor** > [<dú.tiu] - **tou.ro** > [tú.Riu]

Palavras do português em que o padrão silábico CVC torna-se CV em *Terena*. Ex: **tam.bor** > [tá.Ébriu] - **lá.pis** > [lá.piu] - **a.çu.car** > [á.Siu.ka]

Palavras em português em que uma coda medial /l/ torna-se um ataque /R/ na sílaba seguinte em *Terena*. Há também nesta operação a inserção de uma vogal epentética, o que resulta em uma redução de encontro consonantal e formação de sílaba adicional. Ex: **bal.de** > [Ébá.Riu.ti]

#### 5. NÍVEL ACENTUAL

Enquanto o acento em português pode cair sobre uma das três últimas sílabas; em *Terena* ele pode manifestar-se em uma das três primeiras sílabas.

Podemos observar que todas as palavras de empréstimo do português em *Terena*, descritas em (3 e 4) acima, são substantivos e podem ser agrupadas segundo o número de sílabas (duas ou três sílabas) e o tipo de acento (agudo ou circunflexo).

Palavras oxítonas de duas sílabas em português manifestam-se em *Terena* como paroxítonas; pelo fato de haver poucas palavras oxítonas nesta língua. Ex: **doutor** > [<dú.tiu] - **tambor** > [tá.Ébriu] - **caju** > [kâi Su] - **fubá** > [fûi ba] - **feijão** > [pêi SãW]

Palavras paroxítonas de duas ou três sílabas em português manifestam-se em *Terena* como proparoxítonas e todas com três sílabas, resultantes de redução de ataques complexos.

Ex: trigo > [ti.ɐi.ku] - prego > [pɛ.ɐi.ɛ.ku] - banana > [pá.niã.nã] - açúcar > [á.Siu.ka]

arame > [âi ra.mɛ] - martelo > [ma.ɐi.lu]

## 6. CONCLUSÃO

De um modo geral houve uma sistematização para as “regras de ajustes” das palavras de empréstimo do português na língua *Terena* tanto a nível segmental, silábico e acentual, refletindo desse modo seu sistema fonêmico particular.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. (2001). The Arawak language family. In: BLAKE, B. J. & BURRIDGE, K.(eds) Historical Linguistics 2001. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company 65 - 106
- BENDOR-SAMUEL, J. T. (1960) Some problems in segmentation in the phonological analysis of *Terena*. *Word* 16, No.3, 348 – 55.
- \_\_\_\_\_ (1961) An outline of the grammatical and phonological structure of *Terena*: Part 1 and Part 2 Grammar. ms.
- \_\_\_\_\_ (1962) Stress in *Terena*. *Transactions of the Philological Society*.
- BOERSMA, P. & WEENINK, D (2007) Praat: doing phonetics by computer (Version 4. 6. 01) [Computer program].
- CLEMENTES, G. N. & HUME, E. U. (1995) The internal structure of speech sounds. In GOLDSMITH, J.A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 245 – 306.
- EKDAHL, E. M. & N. BUTLER (1979) *Aprenda Terena*. vol. 1 e vol. 2 (SIL).
- HAYES, B. (1995) *Metrical Stress Theory – Principles and Case Studies*. University of Chicago Press.
- HERNÁNDEZ, G.C. (2001) *The Stress System of Central Raramuri: root privilege, prosodic faithfulness and markedness reversals*. Doctoral dissertation, University of California, Berkeley.
- ILARI, R. (2002) *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto.

- ITÔ, Junko. (1986) Syllable Theory in Prosodic Phonology. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts.
- KAGER, R. (1993) Stress in Windows. Unpublished manuscript
- KENSTOWICZ, M. (1994) Phonology in Generative Grammar. London: Basil Blackwell.
- LADEFOGED, P. & I. MADDIESON, (1996) The Sounds of the World's Languages. Cambridge: Blackwell.
- MARTINS, S. A. (2004) Fonologia e Gramática Dâw. Utrecht: LOT. Tese de Doutorado, Vrije Universiteit Amsterdam.
- MYERS, S. (2002) Gaps in factorial typology: The case of voicing in consonant clusters University of Texas at Austin.
- PATER, J. (1999). Austronesian nasal substitution and other NC effects. In R. Kager, H. van der Hulst, and W. Zonneveld (eds.) *The prosody morphology interface*. Cambridge: Cambridge University Press. 310-343.
- PICKETT, J.M. (1999) The acoustics of speech communication. Boston: Allyn and Bacon.
- PIKE, K. (1947) Phonemics: a Technique for Reducing Languages to Writing. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- RODRIGUES, Aryon D. (1986) Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Loyola.
- SOUZA, Ilda de (2008) *Koenukunoe emo'u* - a língua dos índios *Kinikinau*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP. Campinas.
- WETZELS, W. Leo [comunicação pessoal]. Orientação fornecida durante meu exame de qualificação em 17 de novembro 2008.
- ZOLL, Cheryl (1998) Parsing below the segment in a constraint-based framework. CSLI Publications. Center for the Study of Language and information. Stanford, California

